

PROJETO REDE ANTIRRACISTA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PROTEGIDA FRANCA/SP

RELATÓRIO DE ATIVIDADES REALIZADAS



PERÍODO DE EXECUÇÃO:
OUTUBRO DE 2024 À AGOSTO DE 2025

Este relatório tratará das atividades executadas pelo Instituto Chuí de Esportes aplicada ao Rede Antirracista – Infância e Adolescência Protegida referente ao período de Outubro de 2024 à Agosto de 2025.

Foi fundada em 05 de novembro de 2012, pelo ex-atleta e técnico de basquete Marco Aurélio Pegolo dos Santos, o Chuí, e amigos apaixonados pelo esporte. Todos acreditam que o esporte é uma ferramenta de mudança na vida das pessoas. Com sede em Franca/SP, o ICE é uma organização sem fins econômicos que utiliza o esporte e a cultura como ferramentas de desenvolvimento físico, social, educacional e construção de valores em crianças, adolescentes e jovens. O Instituto Chuí de Esportes, obteve o título de UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL em 29 de agosto de 2014.



Marco Aurélio Pegolo dos Santos, Chuí, fundador do Instituto Chuí de Esportes.

Missão

Promover a iniciação e formação esportiva e educacional de crianças e adolescentes, contribuindo para a formação crítica e participativa, transferindo para sua realidade.

Visão

Ser reconhecido pela excelência nacionalmente como instituição de esporte educacional que desenvolve e dissemina práticas esportivas, impactando positivamente pessoas e comunidades.

Valores

Perseverança, solidariedade, tolerância, respeito, honestidade e ética.

RELATÓRIO

Conforme as metas determinadas no Plano de Trabalho, na primeira etapa foi realizada a formação de Letramento Racial Crítico com professores especialistas. A formação foi amplamente divulgada em todos os equipamentos de Proteção e Promoção dos Direitos das Crianças e Adolescentes, tivemos o registro de 226 inscritos. Contamos com a frequência regular de em média 160 participantes e tivemos 93 alunos que completaram os 75% de frequência no curso.

Garantimos aos participantes um espaço seguro de troca, reflexão e acolhimento, entendendo que são tratados assuntos que vão além das temáticas teóricas, acadêmicas, mas impacta na construção de identidade e pessoal de profissionais e usuários dos serviços.

Consideramos a Meta 1 como cumprida, já que entregamos para os 10 encontros, um a mais do que 9 módulos apresentados no Plano. Assim, a meta 1: Promover formação qualificada aos profissionais da rede de atendimento socioassistencial, em especial, os que atuam com crianças e adolescentes.

Iniciamos a formação com dois módulos sobre Raça, Racismo e a questão racial no Brasil pós-abolição ministrados pelos professores: Prof. Dr. Dagoberto da Fonseca e Profa. Dra. Glenda Mello.

No dia 25 de outubro de 2024, o projeto Rede Antirracista: infância e adolescência protegida, comoveu logo de início os participantes, profissionais da educação, assistência social, saúde, direito e segurança pública de diversas instituições e entidades públicas. Principiando pela aula do Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca, um dos mais reconhecidos antropólogos brasileiros, que vem se dedicando a reconectar o Brasil à África, por meio de políticas de reparação histórica.

Os participantes tiveram a oportunidade de iniciar discussões importantes sobre como surge o racismo, e a história da construção do signo de raça à brasileira, conhecendo cartas do período colonial (como a carta da então Princesa Isabel ao Visconde de Santa Rita). Dagoberto ainda abordou sobre as diversas expressões do racismo, conectando à

atuação profissional dos presentes e a importância de se denunciar todos os crimes de racismo, e não os omitir de forma que possa ser escancarado oportunizando a construção de mais políticas antirracistas no país.

O impacto das palavras do Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca reverberou entre os participantes, levando-os a uma reflexão profunda sobre as raízes históricas do racismo no Brasil e sua persistência nas práticas sociais e institucionais. O professor destacou ainda como o racismo se manifesta de formas sutis e cotidianas, desde a discriminação nas relações de trabalho até as desigualdades no acesso à educação e à saúde. Durante a dinâmica, os participantes foram desafiados a questionar suas próprias práticas profissionais e a identificar maneiras concretas de combater o racismo em seus respectivos campos de atuação.

As discussões se estenderam para as formas de promover uma educação antirracista, que não apenas ensine sobre a história das populações negras, mas também desconstrua os estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade. Ao final do evento, ficou evidente que a luta contra o racismo é uma responsabilidade compartilhada entre todos, e que, para alcançar a equidade, é essencial a criação de políticas públicas mais eficazes e o fortalecimento das redes de apoio às vítimas de discriminação racial, com a participação ativa de todos os setores da sociedade.



1º dia de Formação Profº Dagoberto José Fonseca, dia 25/10/2024.



1º dia de Formação Profº Dagoberto José Fonseca, dia 25/10/2024.

Dia 11 de novembro, a Prof^a. Dra. Glenda Melo, pesquisadora da linguística, do discurso e das questões raciais, avançando nas questões trazidas pelo Prof. Dagoberto, investiga as relações etnico-raciais à luz dos processos de eugenia e embranquecimento da população negra nos anos pós-abolição da escravatura no Brasil.

Sua aula foi crucial para ilustrar a permanência da colonialidade, das relações de poder e hierarquias do período colonial na atualidade, uma vez que os negros foram alforriados, mas não foram incluídos ou sequer acolhidos pelo Estado Brasileiro, ficando desassistidos na sociedade republicana. Houveram muitos questionamentos trazidos pelos participantes sobre a conceitualização de racismo, experiências comoventes de situações nos espaços de trabalho, envolvendo inclusive, crianças e adolescentes.

A aula possibilitou o entendimento coletivo da historicidade do racismo brasileiro e suas expressões na atualidade. A fala da Prof^a. Dra. Glenda Melo aprofundou ainda mais a compreensão do legado histórico e social do racismo no Brasil, trazendo à tona a continuidade das práticas de eugenia e embranquecimento que marcaram o processo de formação da sociedade republicana pós-abolição. Ao detalhar como as políticas públicas da época, em vez de promover a inclusão, reforçaram a marginalização dos negros, a professora evidenciou como o Estado brasileiro, ao não oferecer condições mínimas de acesso à educação, saúde, e cidadania, perpetuou a exclusão racial. A aula também proporcionou um espaço de reflexão coletiva sobre como essas práticas se refletem nas interações cotidianas e nas estruturas de poder contemporâneas, especialmente no ambiente de trabalho e nas instituições educacionais. Ao final, os participantes, tocados pelas experiências compartilhadas, se sentiram mais capacitados a identificar e combater o racismo em suas práticas profissionais, reconhecendo que a luta pela equidade racial exige um compromisso contínuo de descolonização do pensamento e das instituições.



2º dia de Formação Profaº Glenda Melo, dia 11/11/2024.

Encerrando o ano de 2024, no dia 22 de novembro o Prof. Dr. José Lourenço Alves apresentou sua tese de doutorado sobre a valorização do comportamento assertivo, sua pesquisa buscou desenvolver uma metodologia prática, fácil e acessível para ser aplicada em qualquer espaço e por qualquer pessoa em situações de conflito. Os participantes após uma exposição sobre o comportamento diante de situações conflituosas, puderam testar o comportamento mais assertivo em inúmeros casos de racismo ocorridos contra crianças, adolescentes e jovens inclusive na cidade de Franca. A dinâmica foi desafiadora, instigou muitas discussões e compartilhamentos sobre as formas mais adequadas de acolher as vítimas de racismo, buscar os meios legais de denúncia e propor medidas a longo prazo que possibilitem o rompimento dos comportamentos racistas nos espaços.

Ao fim da aula os profissionais avaliaram se sentir mais confiantes de agir perante situações de racismo e outras discriminações em ambientes de trabalho, compreendendo que a assertividade é possível. Além disso, a abordagem prática do Prof. Dr. José Lourenço Alves permitiu que os participantes refletissem sobre a importância de não apenas agir em situações de racismo, mas também de criar espaços seguros e acolhedores para que as vítimas se sintam à vontade para se expressar e denunciar. Foi discutido como a comunicação assertiva pode ser uma ferramenta essencial não só na resolução de conflitos imediatos, mas também na prevenção de futuros casos de discriminação, ao fortalecer a conscientização coletiva sobre o respeito aos direitos humanos.

A troca de experiências entre os profissionais de diferentes áreas revelou a necessidade de uma abordagem interdisciplinar no combate ao racismo, onde a colaboração entre a educação, saúde, direito e assistência social pode criar uma rede de apoio eficaz. Durante as discussões, ficou claro que a construção de ambientes mais inclusivos não depende apenas de legislações ou de medidas reativas, mas de uma mudança cultural que envolva a toda a sociedade.

O Prof. José Lourenço ofereceu exemplares de seus livros publicados para sorteio entre os alunos.



3º dia de Formação Profº José Lourenço, dia 22/11/2024.

Iniciando o ano de 2025, no dia 10 de janeiro recebemos o Prof. Dr. Thiago Amparo, um dos maiores especialistas em racismo jurídico do país, sua aula abordou como o Brasil adotou uma legislação racista ao longo da história, e como essa estrutura legal tem impactado diretamente as populações negras, especialmente em contextos urbanos e educacionais.

O Prof. Thiago enfatizou como as leis, muitas vezes, foram moldadas para perpetuar a discriminação racial e as desigualdades socioeconômicas. Ele destacou, ainda, o papel fundamental da conscientização jurídica no combate ao racismo estrutural, explicando como advogados, juízes e outros profissionais do direito podem ser agentes de mudança ao aplicar a legislação de maneira justa e equitativa.

Durante sua palestra, os participantes discutiram casos emblemáticos, como o direito de acesso à educação e saúde para as populações negras, e como políticas públicas podem ser aprimoradas para corrigir distorções históricas. Ao final, a discussão se ampliou para a importância de se formar uma rede de apoio entre diversos setores da sociedade, com o objetivo de garantir que as vítimas de racismo não só sejam ouvidas, mas também protegidas e amparadas por um sistema jurídico que, efetivamente, represente os princípios de igualdade e justiça.



4º dia de Formação Profº Thiago Amparo, dia 10/01/2025.



4º dia de Formação Profº Tiago Amparo, dia 10/01/2025.

Recebemos com grande entusiasmo a Prof^a. Dra. Márcia Campos Eurico no dia 17 de janeiro, uma das principais referências no campo da discussão étnico-racial dentro do Serviço Social. Com um vasto conhecimento sobre as questões raciais e suas implicações nas políticas públicas, a Prof^a. Márcia nos brindou com uma aula profunda e esclarecedora sobre a coleta do quesito raça-cor no Brasil. Sua análise abordou não apenas a história e a importância dessa categorização nos censos demográficos, mas também as implicações que ela possui para a formulação de políticas públicas direcionadas às populações negras e indígenas no país.

A professora destacou como a coleta do quesito raça-cor, embora tenha sido uma conquista para a visibilidade das desigualdades raciais, ainda enfrenta desafios significativos no Brasil, como a subnotificação e a falta de padronização no preenchimento das informações, o que pode comprometer a efetividade das políticas de reparação e inclusão. Durante a aula, foi possível perceber a importância de se entender o papel central que esse dado desempenha na definição de ações afirmativas, e como ele se torna um ponto crucial para identificar as necessidades e as desigualdades que afetam diretamente as comunidades negras e indígenas. Além disso, a Prof^a. Márcia trouxe à tona discussões sobre o racismo estrutural e como ele se reflete nos dados coletados, ressaltando a necessidade de uma análise crítica e cuidadosa dos números para não apenas garantir visibilidade, mas também para efetivamente combater as disparidades que ainda existem em todas as áreas.

A aula foi um convite à reflexão sobre a responsabilidade de profissionais e instituições ao tratar a questão racial, não apenas como um dado estatístico, mas como um reflexo de uma realidade que exige ações urgentes e transformadoras. Com muitas dúvidas trazidas pelos profissionais, a professora abordou com clareza o funcionamento das comissões de heteroidentificação, que têm se tornado uma ferramenta importante para garantir que políticas de cotas e outras medidas afirmativas sejam aplicadas de forma justa. Essas comissões têm o papel de verificar, por meio de análise de características fenotípicas, se o

candidato a algum benefício de ação afirmativa se enquadra nos critérios de pertencimento étnico-racial estabelecidos. A Profa. Márcia, também, trouxe exemplares dos seus livros para sortear entre os alunos. Com o percurso trilhado até aqui, faz-se importante ressaltar a importância desde já gerada pela Rede Antirracista, em contínua formação e expansão, que para além dos inscritos, possibilitou que outros interessados pudessem assistir e multiplicar os conteúdos aprendidos no curso. Os relatos são frequentes, apontando a demanda de ações efetivas e enfáticas para combater o racismo, e evidenciando que a questão racial está longe de ser mera questão identitária, mas uma estrutura que ceifa a vida de nossas crianças e adolescentes cotidianamente.



5º dia de Formação Profaº Marcia Eurico, dia 17/01/2025.



5º dia de Formação Profaº Marcia Eurico, dia 17/01/2025.

Dia 31 de janeiro de 2025, a professora Marcia Eurico, ministrou novamente a formação no projeto, deste momento com a temática Racismo da Infância.

Dessa vez trouxe uma reflexão profunda sobre como o racismo estrutural afeta crianças e adolescentes negros no Brasil. Ela se baseia em pesquisas acadêmicas e experiências práticas, para demonstrar como o preconceito racial se manifesta desde a infância e impacta a vida de milhares de crianças.

Márcia analisa especialmente a realidade de crianças negras que vivem em serviços de acolhimento institucional, destacando como a discriminação racial contribui para a maior presença desses espaços e para as menores chances de adoção. Eurico expõe o racismo institucionalizado nas políticas públicas e nos serviços de assistência social, revelando como essas crianças são frequentemente invisibilizadas e desprovidas de cuidados que consideram sua identidade racial.

Outro ponto importante foi a discussão acerca da construção social da infância negra no Brasil. A autora explica como a sociedade naturaliza a infância branca como padrão de pureza e inocência, enquanto a infância negra é associada a estereótipos negativos, como a marginalidade. Isso resultou em um tratamento desigual desde cedo, afetando a autoestima e as oportunidades das crianças negras.

A Professora propõe a capacitação contínua de profissionais das políticas públicas para lidar com questões raciais, além da necessidade de políticas públicas mais inclusivas e da promoção de um debate mais amplo sobre racismo e infância na sociedade.





6º dia de Formação Profaº Marcia Eurico, dia 31/01/2025.

No dia 14 de fevereiro de 2025 o projeto Rede Antirracista: infância e adolescência protegida, recebeu a Profª Dra. Lia Vainer Shucman abordando a temática: Branquitude.

A Profa. Lia traçou durante a aula o caminho pelo qual a identidade branca se constitui e se perpetua dentro das estruturas de poder e privilégio, especialmente em um país marcado por um histórico de escravidão e desigualdade racial persistente.

Fica demonstrado por meio das falas e estudos da Formadora que a branquitude não é apenas a ausência de cor ou uma posição naturalizada na sociedade, mas sim uma construção histórica e social que opera através da manutenção de privilégios e da invisibilização do racismo estrutural.



7º dia de Formação Profaª Lia Vainer Shucman, dia 14/02/2025.



7º dia de Formação Profa^a Lia Vainer Shucman, dia 14/02/2025.

No dia 21 de fevereiro de 2025, a formação foi conduzida pelo Profº Paulo Melgaço, abordando a temática: A juventude negra: perspectivas para um futuro ancestral.

A aula do Prof. Paulo Melgaço foi bem provocativa, trazendo referências sobre a construção das masculinidades evocadas no decorrer do tempo até os dias atuais e como essa formação impacta a construção das juventudes em especial, as juventudes negras.

O educador fez um passeio pela literatura sobre as temáticas, contextualizando com a realidade da juventude e os desafios encontrados diante de masculinidades tóxicas, o sofrimento que isso causa para os jovens e suas famílias e como a sociedade reproduz comportamentos preconceituosos, limitando o masculino a estereótipos.



8º dia de Formação Profº Paulo Melgaço, dia 21/02/2025.



8º dia de Formação Profº Paulo Melgaço, dia 21/02/2025.

O módulo 9º, com o Profissional Antirracista na Prática e na Vida, conduzido pela Profa. Dra. Cláudia Rosalina Adão, teve como objetivo fortalecer nossas habilidades em letramento racial e na educação para as relações étnico-raciais, sempre com um olhar atento ao acolhimento e à defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Foram explorados três pilares fundamentais:

- Reconhecer a importância da educação para uma sociedade mais justa;
- Agir com práticas que valorizem a diversidade cultural e racial;
- Disseminar conhecimentos para ampliar a educação antirracista.

A formação contou com diálogos sobre a descolonização de práticas, a importância das resistências históricas da população negra, e estratégias para promover a equidade racial. Também tivemos momentos interativos, onde discutimos valores civilizatórios afro-brasileiros e como incorporá-los em nosso cotidiano.

Cláudia avaliou: “acredito que cada um de nós saiu dessa formação com novas perspectivas e ferramentas para trabalhar em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Que possamos continuar promovendo práticas antirracistas em nossas vidas e em nossos ambientes de trabalho, sempre buscando acolher e respeitar a diversidade.”



9º dia da Formação, Profa. Dra. Cláudia Adão, 21/03/2025.



9º dia da Formação, Profa. Dra. Cláudia Adão, 21/03/2025.

O Tema escolhido para o fechamento da formação de letramento racial crítico para profissionais da rede de proteção e defesa da criança e adolescente foi “Interseccionalidade e a Questão Racial”, ministrado pela Profa. Dra. Glenda Mello, que também, acompanhou a apresentação dos projetos criados pelos profissionais para a multiplicação dos conhecimentos em seus espaços de trabalho.

A formação foi dividida em dois momentos, no primeiro foi discutido o tema da aula, quando a Profa. Glenda trouxe sobre a origem com conceito de interseccionalidade e suas aplicações no cotidiano.

Como a questão racial em interface com outros marcadores sociais provocam ainda mais complexidades para o acesso a direitos de crianças, adolescentes, mulheres, jovens e entre outros.

A docente enfatizou a necessidade dos profissionais terem o olhar apurado para realizar as mediações e compreender a intersecção entre as categorias e sujeitos sociais. A compreensão do movimento da realidade facilita a prática e a garantia de direitos da população atendida pelos serviços.

Glenda, também, aproveitou o momento para fazer uma retrospectiva sobre os conteúdos, sedimentando os conhecimentos partilhados pelo decorrer da formação.

No segundo momento, os grupos de profissionais que se organizaram por segmentos, secretarias e serviços apresentaram os projetos criados e desenvolvidos durante o curso e posterior a formação. Foram apresentados 19 projetos:

- 1. CRECHES: o projeto direcionado a público de educação infantil e suas famílias, foi desenvolvido por um grupo de pedagogas que representam 9 creches municipais.
- 2. CASA SEBASTIANA: as educadoras do SCFV da entidade criaram o projeto para trabalhar com os adolescentes, título da atividade: Lutas e Raízes: resgate ancestral.
- 3. CEPROL: a equipe da entidade propôs um projeto para Potencializar a Luta Antirracista por meio de oficinas com as crianças e famílias atendidas pelo serviço.

- 4. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO: a Comissão de Acompanhamento da Implantação da Lei 10.639/03 por meio de suas representantes compartilharam um projeto que objetiva ofertar formação a formadores e servidores da área administrativa da secretaria para que tenham mais informações e conhecimento crítico para multiplicar com os demais educadores da rede, bem como para os servidores administrativos que realizam compras e desenvolvem serviços ao público escolar.
- 5. ESCOLAS REGIÃO CENTRO: a equipe de profissionais das escolas da região Centro, orientadores, Psicólogos e Assistentes Sociais construíram o projeto com intuito de trabalhar a Linguagem Antirracista: o poder transformador da palavra, os conteúdos serão compartilhados com as equipes de professores, bem como com os alunos das escolas envolvidas.
- 6. ASSISTENCIA SOCIAL E SAÚDE: as instituições socioassistenciais FEIJ, ESAC e APAE se uniram para a criação de um projeto que busca trabalhar a identificação racial por meio de oficinas com os jovens da ESAC, assim como atividades lúdicas desenvolvidas pelo projeto Estrelinhas, entre outras atividades.
- 7. CREAS 2: a equipe de profissionais do CREAS II que participou da formação, propôs a partilha do conteúdo com os demais profissionais por meio de atividades, oficinas, encontros que visam o fortalecimento das práticas profissionais com compromisso antirracista.
- 8. FAMÍLIA ACOLHEDORA: a equipe do programa propôs um projeto que proporcione atividades envolvendo as famílias, equipe, crianças e de forma lúdica promova a habilidades e desconstrua conhecimentos estereotipados e coloniais.
- 9. ESCOLAS REGIÃO NORTE, SUL E OESTE: a equipe formada por profissionais da área psicossocial e orientadores escolares por meio de oficinas participativas a serem desenvolvidas com os alunos dos 5º anos da rede municipal compartilhando e colocando em diálogo o conteúdo recebido, propõe a construção de um Manual Antirracista para aplicação nas Escolas Municipais.

- 10. UNESP/FRANCA: os alunos do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, criaram um projeto que busca trabalhar por meio de encontros intergeracionais, práticas ancestrais e diálogos, entre mulheres negras idosas e crianças e adolescentes de escolas e serviços socioassistenciais.
- 11. PPSA: A equipe do Programa Proteção Social Assistida, criou o projeto intitulado "Sol Vivo: árvore ancestral, o projeto comunga várias iniciativas como pesquisa, capacitação e compartilhamento dos resultados da pesquisa por meio de oficinas e encontros com crianças e adolescentes.
- 12. IGREJA CATÓLICA: A assistente social Edite que tem uma atuação na igreja católica desenvolveu um projeto voltado a realização de pesquisa nas igrejas centrais do município sobre a questão racial.
- 13. SCFV Pastoral do Menor: Instrumental para autoidentificação, a equipe de orientadores sociais da entidade, criaram um projeto para o desenvolvimento de aplicativo para auxiliar nos processos de identificação racial nos serviços socioassistenciais.
- 14. UNESP/FRANCA – Serviço Social: alunos da graduação apresentaram um projeto que será aplicado na extensão universitária, GINGA, vão trabalhar com contação de histórias de crianças negras e ludicidade nos espaços de atividades do grupo de extensão.
- 15. EQUIPE DE ORIENTADORES EDUCACIONAIS, ASSISTENTES SOCIAIS E PSICÓLOGOS (Leste e Norte): Raízes por um mundo antirracista, o projeto promoverá ações de reflexão com as crianças, familiares e professores das escolas municipais das regiões citadas.
- 16. EQUIPE ANOR RAVAGNANI: a escola elaborou projeto com ações de valorização a comunidade negra, trabalhando de forma lúdica com histórias e biografias das personalidades negras, incentivando a construção saudável de identidade racial de crianças negras.
- 17. ADEFI: a equipe do Serviço em Domicílio elaborou um projeto para trabalhar as relações étnico-raciais de forma Intergeracional, o trabalho começara com oficinas para toda a equipe técnica e multiplicada para usuários do serviço, idosos, crianças e adolescentes.

- 18. CRAS's: as equipes dos CRAS's se reuniram para a elaboração de uma proposta que trabalhará com a "Valorização das potências afrobrasileiras", por meio de contação de histórias com as escolas, troca com os profissionais dos CRAS's, contar com uma palestra da Dra. Márcia Eurico em evento de capacitação para os profissionais, municiando de conhecimento e diálogo sobre o assunto.
- 19. ORIENTADORAS EDUCACIONAIS – ZN. SUL: a equipe de orientadores educacionais das escolas da região Sul, que pautaram o projeto Representatividade Negra: histórias que transformam, o trabalho fará o diálogo com histórias de personalidades negras, promovendo a contação de histórias e atividades lúdicas para as crianças das unidades escolares.

Com isso a meta 2, que se refere a construção de propostas e práticas antirracistas com os profissionais, crianças e adolescentes atendidos pelos serviços públicos, foi atingida alcançando resultados além da expectativa, como pode ser verificado na descrição dos 19 projetos entregues ao final do curso.

A Meta 3: Fornecer orientação e repertório teórico-metodológico para que os trabalhadores sociais promovam ações e espaços de escuta, discussão e mobilização para enfrentamento a intimidação sistemática causada pela violência racial.

O processo de avaliação do projeto Rede Antirracista Infância e Adolescência Protegida foi estruturado de forma a compreender tanto a percepção dos participantes sobre o curso quanto os impactos na prática profissional de cada serviço. Os dados e depoimentos trazidos na avaliação apresentada abaixo, demonstra o alcance da meta 3.

O principal intuito dessa avaliação foi identificar os avanços, desafios e oportunidades na implementação de iniciativas antirracistas, bem como mensurar a efetividade das metodologias formativas aplicadas ao longo do projeto.

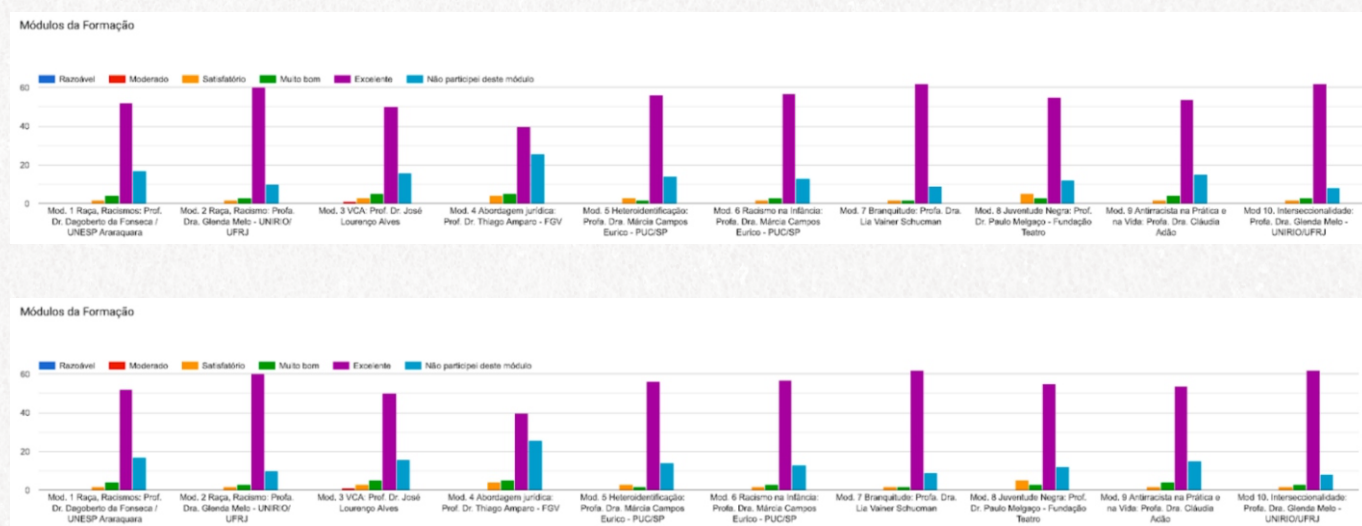
Ao final da formação, foi disponibilizado aos participantes um link para o preenchimento do formulário de avaliação online com cerca de 15 perguntas. Esse instrumento possibilitou o registro de impressões sobre a

qualidade das aulas, a relevância do conteúdo, a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos a partir da percepção dos participantes, como consta a seguir.

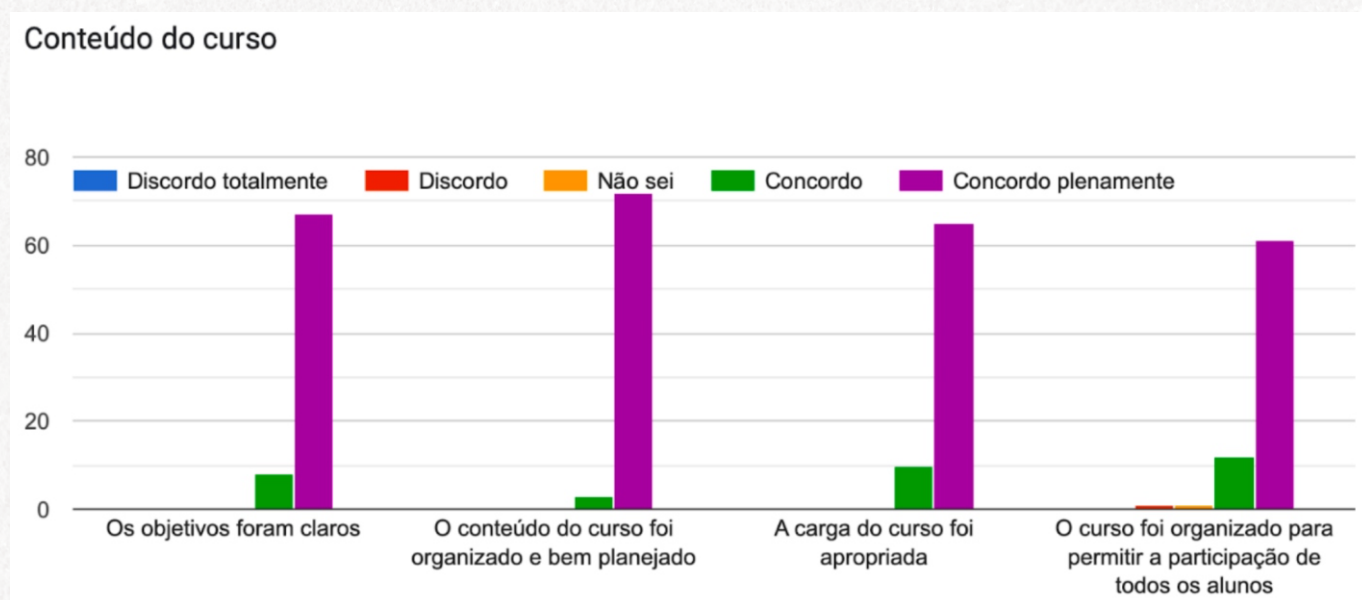
Obtivemos 75 participantes que responderam ao formulário de avaliação, permitindo mensurar a percepção sobre diferentes aspectos do curso. Quanto ao local de realização da formação, a maioria avaliou como excelente (48 respostas), seguida por muito bom (14) e satisfatório (12). O horário das atividades também recebeu avaliações majoritariamente positivas: excelente (49), muito bom (18) e satisfatório (8).

A curadoria do curso, incluindo a seleção dos temas e formadores, foi avaliada como excelente por 64 participantes, enquanto a atenção e a resolução de dúvidas e dificuldades recebeu a mesma avaliação de excelência por 62 participantes. As tutorias foram igualmente destacadas, com 64 respostas indicando excelência, e o material compartilhado considerado excelente por 55 participantes. Além disso, o coffee break do curso teve avaliação extremamente positiva: 93,3% dos participantes atribuíram a nota máxima (5) em uma escala de 1 a 5, evidenciando a satisfação geral com a organização e a experiência proporcionada durante a formação.

Ao todo foram 10 módulos durante a formação, com professores e profissionais especialistas na área etnico racial, a excelência das aulas e dos módulos ofertados ficam visíveis com a avaliação dos participantes, sendo:



Não só a relevância dos professores foi considerada, mas também o conteúdo e a proposta de cada módulo. Nesse aspecto identificamos um alto nível de aprovação, com conteúdos conectados, pensados especialmente para a rede e com temporalidade adequada, como se observa a seguir:



Os participantes destacaram diversos aspectos do curso como particularmente úteis para sua formação e prática profissional. Entre os pontos mais mencionados, ressaltou-se a compreensão aprofundada de conceitos fundamentais para o enfrentamento do racismo, como evidenciado pelo relato: “Compreender o conceito de branquitude, que eu pensava que era outra coisa, as dinâmicas trazidas por alguns palestrantes e o combate ao racismo com assertividade.”

Outro aspecto valorizado foi a qualidade do conteúdo e a forma estruturada das aulas: “Participar do curso antirracista foi uma experiência enriquecedora. O aprofundamento dos temas, aliado a pesquisas bem estruturadas, mostra o cuidado e o compromisso com a seriedade do conteúdo e do curso. Os palestrantes e o domínio dos temas geram confiança no conteúdo, que somada às provocações sensíveis, despertou reflexões profundas sobre nossa atuação profissional e os desafios diários no enfrentamento ao racismo.”

Os relatos também destacaram a importância de assumir uma postura ativa no combate ao racismo, especialmente para profissionais brancos que atuam no SUAS, buscando constantemente desenvolver práticas

antirracistas e romper com padrões socialmente reproduzidos: “Diante da realidade brasileira marcada por desigualdades históricas e estruturais [...] é papel dos trabalhadores e trabalhadoras do SUAS romper com padrões reproduzidos socialmente e se comprometer com uma atuação que valorize as culturas afro-brasileiras e suas contribuições [...]. Como afirma Angela Davis, ‘numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista’ — ou seja, é preciso se posicionar, agir e transformar a realidade.”

Além disso, os participantes relataram que o curso contribuiu para ampliar o olhar crítico e fornecer ferramentas práticas para aplicação em seus ambientes de trabalho: “A temática e todo o contexto do curso foi muito valioso. [...] Saí muito mais preparado para a luta antirracista, com conceitos mais sólidos, artifícios provocadores de reflexões mais estruturados e muito mais ciente de boas referências e fontes de estudos para seguir no aprofundamento e ampliação de conhecimentos.” Esses depoimentos evidenciam que o curso não apenas transmitiu conhecimento teórico, mas também promoveu reflexões críticas e estratégicas, fortalecendo a capacidade dos profissionais de implementar práticas antirracistas em seus serviços e contribuir para a garantia de uma infância e adolescência protegida.

Os participantes ressaltaram que o curso foi fundamental para execução de políticas públicas. Segundo um dos depoimentos, tratou-se “sem dúvida, de um dos melhores cursos que já participei e o melhor investimento que o CMDCA já realizou”, evidenciando a relevância, a qualidade e o impacto direto da formação na prática profissional e na atuação institucional.

Sugestões de melhoria do curso

Os participantes apresentaram diversas sugestões para aprimorar o curso e ampliar seu alcance. Destacou-se a importância de levar a formação para os territórios, envolvendo líderes comunitários e profissionais de diferentes áreas, incluindo policiais, estudantes de graduação e profissionais da rede de serviços sociais, de saúde e educação. Como ressaltou um participante, seria fundamental que

“todos os profissionais de níveis superiores, técnicos de referência e coordenadores participassem da formação, em uma próxima vez, com a proposta da obrigatoriedade”, garantindo que o conhecimento seja disseminado de forma mais ampla e consistente.

Outros apontamentos sugerem que o curso se torne contínuo e que haja mecanismos de acompanhamento, como a criação de um grupo de trabalho ou GT, para dar sequência às reflexões e práticas antirracistas. Também foi citada a possibilidade de ampliação em parceria com universidades e faculdades locais, aproveitando projetos de extensão e capacitando estudantes de graduação para que atuem de modo antirracista em suas futuras profissões.

Além disso, foram propostas estratégias para ampliar o acesso, como a gravação das aulas, permitindo que participantes possam assistir posteriormente, e a inclusão de programações voltadas para estudantes de escolas municipais e estaduais, promovendo maior equidade e acesso ao conteúdo. Um participante destacou que “nós iremos reproduzir o conteúdo nos nossos locais de trabalho e esses temas chegarão à periferia, porém, não temos recursos suficientes para oferecer o conteúdo com a qualidade que recebemos”, reforçando a importância de iniciativas que ampliem o público atendido.

Conclusão da Avaliação

A avaliação do projeto Rede Antirracista Infância e Adolescência Protegida evidencia que a formação foi altamente positiva, tanto em termos de qualidade técnica quanto de impacto na prática profissional. A análise das respostas dos 75 participantes demonstrou satisfação generalizada com a estrutura do curso, incluindo local, horário, curadoria, tutorias, material didático e coffee break, além da excelência dos módulos ofertados e da condução por profissionais especializados na área étnico-racial.

Os depoimentos qualitativos confirmam que o curso proporcionou compreensão aprofundada de conceitos fundamentais, como branquitude e racismo estrutural, estimulando reflexões críticas e estratégicas que fortalecem a atuação antirracista no contexto do SUAS e

em outros espaços profissionais. Os participantes destacaram a relevância do conteúdo, a qualidade dos professores, a aplicabilidade prática das metodologias e a importância de assumir postura ativa no enfrentamento ao racismo, evidenciando que o curso contribuiu para a execução mais efetiva de políticas públicas e para a proteção de crianças e adolescentes.

Atividades extra formação

Após o término da formação os profissionais envolvidos no projeto fizeram o acompanhamento das atividades propostas pelos grupos, além de ministrarem encontros, palestras e oficinas nos equipamentos e territórios, determinados pelos grupos de profissionais.

Houve duas solicitações especiais de um grupo da área de educação e outra da assistência social, no sentido de viabilizar momentos formativos com a Dra. Márcia Eurico expoente na discussão sobre o Racismo na Infância.

Feito o convite a docente, por um compromisso ético-político e militante, a Dra. Márcia proferiu palestra online para toda a rede municipal de educação, trazendo a discussão sobre Racismo nas Escolas e o protocolo de denúncias elaborado pela SME em casos de violência racial em ambiente escolar.

A repercussão da palestra gerou reflexão, discussão e diálogo constante entre as equipes escolares e fortaleceu o trabalho de excelência desenvolvido pela Comissão de Acompanhamento da Implantação do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena da SME (CABI), responsável pelo fomento da discussão e efetivação de uma educação para relações étnico-raciais.

Houve palestras e oficinas nas escolas municipais: Rubens Zumenstein, Emília Tarantelli, Etelgina de Fátima Viveiros, além de outras atividades nos Serviços de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos da Pastoral do Menor.

Realizamos um complemento da formação, promovendo o conteúdo sobre Racismo Ambiental, ministrado pelo coordenador do projeto Otávio Lemes, que trouxe os conceitos e perspectivas em relação a temática,

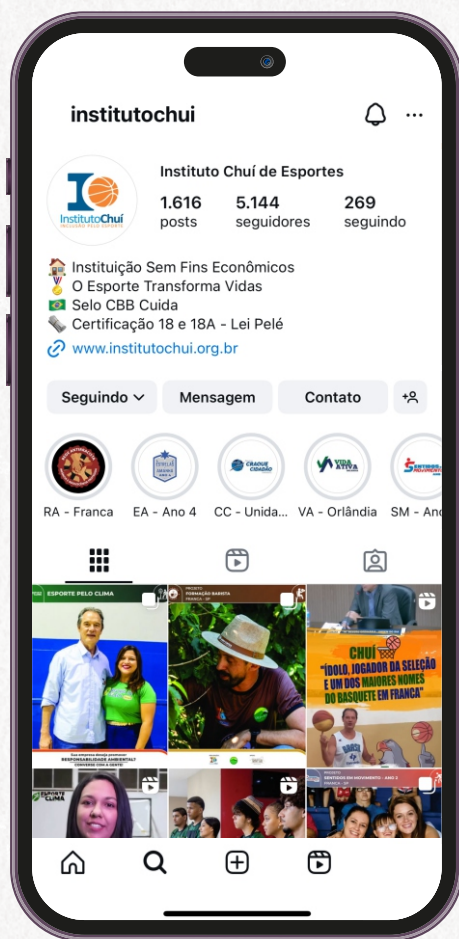
bem como com o Racismo Ambiental se dá em Franca.

Nesse encontro, também, foram apresentados resultados parciais dos projetos que tem sido executado pelos grupos e equipes participantes da formação.

Rede Antirracista



REDES SOCIAIS



Instagram

PERFIL

@INSTITUTOCHUI

SEGUIDORES

+5.450

PUBLICAÇÕES

+1.850

**VISUALIZAÇÕES MENSAIS
(MÉDIA)**

+100 MIL



Nossos agradecimentos especiais ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente de Franca/SP, à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, à Travessia, à Prefeitura de Franca, e a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste projeto.



Clique nos ícones abaixo para ser direcionado para a rede social

